



GEPAD EM QUARENTENA – NÚMERO 34

Pandemia e sindemia: a alimentação como dispositivo coletivo para a transformação

Kelly Fabiane Spier

contato: kellyfspier@gmail.com

São tempos difíceis, de sofrimento e dor pela perda de muitas vidas humanas. O vírus nos colocou em pausa e, apesar das previsões para o futuro, não há certezas. Se parecia estar tudo sob controle com relação ao progresso da civilização, há, agora, menos convicção e arrogância. Decerto, observou-se uma recuperação da qualidade do ar e da água sem a presença humana, como tanto foi noticiado nesses dias de isolamento forçado. O planeta está mais vivo sem a intervenção do homo sapiens que, há tempos, se desconectou desse que é o único lugar conhecido para produzir e reproduzir sua existência. Essas evidências confirmam a insustentabilidade do modelo de desenvolvimento adotado como hegemônico.

Além da fratura desse metabolismo entre humanos e natureza, vivemos o abismo intra-espécie. De um lado, uma minoria de humanos com um existir tacanho, antropocêntrico, que reifica a liberdade e o consumo a qualquer preço. De outro, os miseráveis e famintos que não acessam condições mínimas para produção e reprodução de suas vidas. Vandhana Shiva sugere que a origem dessa pandemia e das outras que virão é a mesquinhez humana. O que temos de concreto é que mutações desse vírus e outros novos surgirão. Nesse século, portanto, nos últimos 20 anos, enfrentamos vários problemas de saúde pública – Sars, Mers, H1N1, Dengue, Zika, Chikungunya, alguns mais locais e outros mais globais, a depender da localização do vetor e dos níveis de contágio.

A pandemia do novo coronavírus colocou a sociedade em risco. Todos aguardam os avanços das pesquisas científicas para o controle da doença. Porém, as condições dessa espera não são as mesmas para todas as pessoas. Quando a pandemia atinge a periferia, encontra aglomerações de indivíduos, fome e problemas de saúde agravados pela falta de saneamento, água potável e acesso a alimentação

adequada e saudável. Os centros de assistência social, nesses lugares, também são precários. Um fato explícito, evidente para o contágio dessa doença é a situação de desigualdade que já vivíamos. E as consequências da infecção viral, já afetam, majoritariamente, pessoas mais pobres.

Nas primeiras semanas de isolamento, ocorreu uma explosão de mobilizações coletivas e comunitárias, de apoio mútuo, sobretudo para fazer chegar alimento e produtos de higiene para as pessoas em necessidade. Ainda assim, as ações de auxílio são muito menores do que a demanda por assistência. A extensão da pandemia desvela que, logo em seguida, as mobilizações se converteram em pressão para a volta ao normal. É da natureza humana essa resistência a mudanças, até porque ela requer de nós uma dose de sacrifício e um olhar para a realidade como ela é. Com o passar dos dias, porém, resta evidente que, sem investimento em ciência e redução de desigualdade, não há solução presente e nem futura.

E, na hipótese de um longo período de isolamento, e consequente risco a segurança e soberania alimentar, de que valeria nosso dinheiro acumulado sem ter acesso a comida? Será que, então, poderíamos aprender com as comunidades indígenas que vivem em constante recolhimento, como nos sugere Ailton Krenak? Os índios produzem seu alimento em sistemas de policultivos agroflorestais e ecológicos sem esgotar os solos, poluir águas e danificar a biodiversidade.

Antes da pandemia de Covid-19, a sinergia entre as pandemias de obesidade, desnutrição e mudanças climáticas, denominada Sindemia Global, já era um importante problema de saúde pública. E todas essas pandemias estão diretamente relacionadas aos principais sistemas alimentares vigentes no planeta. Boaventura de Sousa Santos indaga se nós perdemos ‘a imaginação preventiva e a capacidade política’ para evitar o extermínio da vida humana na Terra? Em resposta a essa pergunta, conseguiremos imaginar e debater política e temas como a soberania e a democracia alimentar de forma pública? Serão priorizadas as pautas acerca da mudança no sistema agroalimentar, atualmente insustentável como já muito denunciado?

E, se, em meio a essa crise pandêmica pudéssemos localizar valores comuns, como vida e saúde, pelos quais valesse a pena lutar solidária e coletivamente? Não há dúvida de que nessa nau a deriva, que alguns ainda chamam de sociedade, somos cada vez mais distintos e contraditórios. E se, por hora, e, sobretudo, nesses tempos sombrios, deixássemos de ser hipócritas e respondêssemos, coletivamente, algumas questões essenciais, tais como: a) um sistema agroalimentar, fortemente concentrado em monocultura e exaustão da terra, alto uso de insumos químicos e tóxicos para o ambiente natural, a biodiversidade, a água, a planta e o homem segue sendo a melhor opção para a produção de alimentos? b) podendo escolher entre uma dieta alimentar diversificada e rica em nutrientes, cultivada respeitando e preservando a natureza, você aceitaria mudar suas práticas alimentares para manter uma dieta mais adequada? c) se você pudesse intervir para a erradicação da fome, da obesidade e da má-nutrição, executando um movimento de retorno ao hábito de preparar alimentos in natura e reduzindo consideravelmente o consumo de carne e ultraprocessados, você toparia? d) aceitaria comprar seus alimentos através de um canal local de distribuição, articulado por agricultores que, além de produzir os alimentos, poderiam entregá-los na sua casa? e) estarias disposto a dialogar e contribuir para a rotulagem ética e clara dos alimentos industrializados, em prol de mais saúde? f) farias um esforço para investigar e incorporar na sua rotina alimentos nutricionais diversos? g) participarias

de uma horta comunitária ou residencial? h) buscarias informações acerca da qualidade nutricional dos alimentos distribuídos nas escolas em prol da saúde de seu filho? i) lutarias por um mundo mais sustentável para a comunidade e para o planeta, mesmo que isso te tirasse da sua zona de conforto?

Será que somos capazes de nos reunir coletivamente em prol de um objetivo comum, não homogeneizado, mas politicamente constituído para a agricultura e alimentação? Resta esperar que as ações solidárias e comunitárias que já existiam e as que forem criadas nessa pandemia permaneçam em processo a fim de constituir práticas agroalimentares transformadoras. Que esse tempo de espera e pausa sirva para refletir e olhar, de forma mais honesta, para o que está por trás dos nossos hábitos e práticas alimentares.